

Relato de experiência na temática da sexualidade: como mudou o assunto ao longo das gerações?

Thaís Borges Moreira¹
Rayanne Barroso Silva²
Francisco Nunes de Sousa Moura³
Raquel Crosara Maia Leite⁴

Resumo: Objetivou-se nesta pesquisa incentivar a aproximação da educação sexual entre a família e o adolescente, buscando assim, entender as diferenças e similaridades com relação ao ensino de sexualidade e o passar das gerações. A presente investigação, caracterizada do tipo exploratória e com abordagem qualitativa, incidiu em um relato de experiência de um grupo de mestrandos quanto a uma proposta de ensino de educação sexual em uma escola da educação básica. Dos 10 trabalhos discentes selecionados para a análise, 60% eram de alunas e 40% de alunos. Para o trabalho, os estudantes entrevistados tiveram a média de idade de aproximadamente 41 anos. Ao longo da pesquisa encontrou-se a carência da geração passada sobre a temática sexualidade e a importância deste tema em sala de aula. Portanto, a proposta de atividade foi fundamental no aprendizado discente.

Palavras chave: Docência, Ensino de Ciências, Entrevista, Educação Básica.

1 Mestranda do Curso de Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará - UFC, Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, thais.ufc@hotmail.com;

2 Mestranda do Curso de Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará - UFC, Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, rayanne.barroso@gmail.com;

3 Mestrando do Curso de Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará - UFC, Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico, nunes.moura@alu.ufc.br;

4 Professora orientadora: doutora pelo Curso de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Professora Associada I do departamento Teoria e Prática do Ensino, raquelcrosara@hotmail.com.

Introdução

A autora Eisenstein (2005, p. 6) define a adolescência como sendo: “o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive.” Assim, fica claro que a adolescência é uma fase do desenvolvimento humano complexa. E, diante dessas complexidades, as relações também passam por períodos cheios de mudanças.

A relação família e adolescente possivelmente é uma das mais afetadas nesse período. Dessa forma, as intensidades e as demandas desse período da adolescência por maior independência e autonomia precipitam mudanças no relacionamento entre as gerações de avós, de pais e de filhos (CRUZ, 2007). A autora comenta que: “a flexibilidade é a chave do sucesso para as famílias nesse estágio. Por exemplo, flexibilizar mais as fronteiras familiares e modular a autoridade parental permite maior independência e desenvolvimento aos adolescentes.” (CRUZ, 2007, p. 47).

Essa relação da família com a adolescência precisa ser abordada pela escola e em vez de campanhas, como a do governo federal, que incentivem o afastamento e (ou) mesmo a imposição de formas de pensar e agir de gerações passadas sobre gerações mais novas, cabe aqui o incentivo ao diálogo e ao respeito entre as gerações. Assim, “as experiências pessoais com a sexualidade influenciam a maneira como os pais estabelecem limites e suas expectativas, aceitando melhor a sexualidade do jovem.” (CRUZ, 2007, p. 47).

Dessa forma, o objetivo dessa atual pesquisa é incentivar a aproximação da educação sexual entre a família e o adolescente, buscando assim, entender as diferenças e similaridades com relação ao ensino de sexualidade e o passar das gerações. Assim, temos a ambição de que em algum momento, possamos entender como sociedade, que a educação sexual não é um tabu, não é problema, não é um incentivo e não é algo que precisa ser combatido, mas sim entendido como uma forma de garantir aos adolescentes um desenvolvimento sadio e coerente com as perspectivas e vivências das suas gerações.

Metodologia

A presente investigação, caracterizada do tipo exploratória e com abordagem qualitativa, incidiu em um relato de experiência de um grupo de

mestrados quanto a uma proposta de ensino de educação sexual em uma escola da educação básica, localizada em Fortaleza-CE. Neste relato, buscase uma discussão da vivência de gerações passadas quanto aos métodos contraceptivos utilizados na época e debates do tema sexualidade com a família, a partir de pesquisas realizadas pelos alunos de uma turma de 1º ano do ensino médio. A delimitação da escola se deu pelo relato de uma docente do uso desta temática em sala de aula, o que nos possibilitou o acompanhamento do ensino e a proposição de prática pedagógica.

A estratégia didática utilizada foi baseada no livro *Biologia Moderna Plus* do autor José Mariano Amabis. Nesta idealização, os alunos deveriam questionar a uma pessoa de gerações anteriores (com mais idade) sobre os saberes relacionados ao sexo, a visão quanto ao assunto em destaque e as mudanças do tratamento desta temática nos dias atuais. Os discentes entrevistaram e anotaram as informações para posterior debate em sala. Destaca-se também que outras perguntas poderiam ser elaboradas pelos entrevistadores.

A turma era composta por 26 discentes, tendo cada aluno questionado uma pessoa que atendesse ao critério estabelecido, com mais idade. Contudo, para este trabalho, apresentam-se as respostas identificadas por 10 alunos, os quais fizeram as três perguntas sugeridas pelo livro didático e que escolheram e identificaram corretamente seus entrevistados, dizendo sua idade e sexo biológico.

Assim, enfatiza-se no próximo subtópico os achados dos alunos e as discussões em sala de aula, comparando a opinião dos pesquisado com a realidade e debatendo o tratamento do assunto sexualidade com o nosso atual contexto, de acordo com os preceitos da análise de conteúdo descrito por Bardin (2011).

Resultados e discussão

Dos 10 trabalhos discentes selecionados, 60% dos estudantes eram alunas e 40% alunos. A média das idades de todos os entrevistados ficou de aproximadamente 41 anos. Já em relação ao perfil dos entrevistados pelos discentes, apenas 1 estudante escolheu um entrevistado do sexo masculino, o restante foram pessoas de sexo biológico feminino. Na pesquisa de Ressel *et al.* (2011) foram entrevistadas 18 adolescentes do sexo feminino, onde estas relataram, entre outros pontos, que suas conversas sobre sexualidade eram geralmente com suas mães e não com seus pais, e isso se justifica pelo fato de os pais apresentarem dificuldades em falar sobre sexualidade com

suas filhas. Já é visto na literatura trabalhos como de Ressel *et al.* (2011) que trazem essa realidade, em que existe um medo paterno, receio de afastamento em relação aos pais, e por isso, acredita-se que majoritariamente tenha se escolhido pelos discentes desta pesquisa mais pessoas do sexo feminino do que do masculino.

No momento da entrega dos trabalhos, a professora fez um círculo com os discentes, questionando-os das dificuldades enfrentadas e dos aspectos positivos de terem feito a entrevista. Ao questionar a escolha de seu entrevistado, os alunos relataram que optaram por pessoas próximas (familiares, vizinhos e irmãos mais velhos), e que ao entrevistar, algumas vezes sentiram vergonha por nunca terem conversado sobre o tema sexualidade, mesmo com aqueles que eram seus familiares.

Quando os pais não reconhecem o amadurecimento da sexualidade de suas filhas desperdiçam a oportunidade de proporcionar espaços para a discussão sobre suas vivências e o esclarecimento de dúvidas. Além disso, falar com censura ou ser indiferente à sexualidade pode potencializar uma prática sexual insegura, desprovida de orientações ou baseada em informações inadequadas (RESSEL *et al.*, 2011, p 248).

Outra aluna relatou que não sabia que antigamente era tão difícil falar sobre menstruação, que sua mãe disse ter muitos assuntos ligados a temática eram vistos como imoral e motivo de muita vergonha na época dela.

Na primeira pergunta da entrevista, era questionado qual o nível de informação sobre sexo, reprodução e métodos contraceptivos que se havia na época em que o entrevistado tinha 15 anos de idade.

Todos os entrevistados disseram que o nível de informação era baixo, alguns relataram que o pouco conhecimento do assunto se dava entre colegas ou irmãs mais velhas que já haviam iniciado a vida sexual. Ainda citaram alguns métodos mais utilizados na época, destacando a camisinha, que foi citada na maior parte dos trabalhos. A seguir, é apresentado um trecho de uma resposta, onde informa que se utilizava de tabelinha na época (dois trabalhos citaram tabelinha como método contraceptivo usado na adolescência). A justificativa da utilização do método era a dificuldade de se conseguir preservativos por terem vergonha de comprar.

"Quando eu tinha 15 anos, não se falava de sexo nem na escola, nem na minha casa. O que se aprendia era na prática, sem a menor noção ou com amigas, ou quando se ficava grávida na primeira relação (sexual). Os preservativos usados eram a camisinha, anticoncepcional e o mais utilizado era o método da tabela. Porém, não era tão fácil assim ter acesso aos preservativos, não era essa facilidade em comprar, a sociedade não aceitava um adolescente entrar numa farmácia e comprar. Até mesmo para os meninos era difícil, sem falar que tínhamos vergonha." Entrevistada F, 44 anos.

Na pesquisa de Dias e Gomes (1999), foram entrevistados pais que tiveram filhos adolescentes que engravidaram. Entre os dados encontrados, viu-se que a família destes pais era a principal reguladora da sexualidade e as orientações eram indicações de proibições quando estes eram adolescentes. Assim, os dados encontrados nesta pesquisa corroboram com o que foi encontrado na pesquisa dos autores citados. A família acaba por não informar aos jovens qualquer assunto ligado à sexualidade.

As informações recebidas limitavam-se à explicação de regras de conduta e estavam apoiadas em valores que priorizavam a manutenção do sistema familiar. Esses pais não percebiam suas famílias de origem como disponíveis para oferecer informações sobre sexualidade (DIAS; GOMES, 1999, 88).

Ao longo das gerações, é percebido que esta desinformação e repressão sobre a temática sexualidade vão sendo repassados, uma vez que os pais foram criados desta maneira e se tornam pais repressores. O diálogo familiar é escasso na geração dos pais, logo estes também tiveram pouco diálogo com seus filhos, como um ciclo que se repete. No trabalho de Ressel *et al.* (2011) mostra que de fato, a família pode reforçar as ideias de que a sexualidade deve ser tratada de maneira sigilosa e quando se fala sobre o assunto sexualidade em casa, sempre é de maneira escassa, ainda tratando como tabu a questão do prazer, por exemplo.

Para a segunda questão, se perguntou sobre qual visão a pessoa tem hoje sobre esses assuntos. Todos os entrevistados disseram que mudaram, aprenderam e que atualmente, se tem uma maior facilidade tanto de conversar sobre sexualidade, quanto métodos contraceptivos. A seguir contém a fala de uma entrevistada que acredita que a escola poderia ter mais momentos de aprendizagem sobre sexualidade.

“Hoje vejo tudo mais fácil de falar sobre o assunto, pois a facilidade a cada dia vem junto com a tecnologia. Só falta as escolas publicarem mais palestras para abrir mais a cabeça dos jovens, para fazerem com mais responsabilidade”. Entrevistada A, 41 anos.

A sociedade está em processo de mudança, as pessoas falam sobre sexo cada vez mais cedo. Mas isso não significa que a repressão tenha acabado. Falar sobre sexo não representa o fim da repressão, que se dá de diferentes formas (INÁCIO, 2018). Essa falsa impressão de que os jovens já têm acesso as questões ligadas a sexualidade podem ser perigosas, no sentido em que eles não têm maturidade para procurar por fontes confiáveis, ou simplesmente, apresentam a falsa impressão de que estão informados e não buscam por novas fontes. Outro risco é o compartilhamento de informações inverídicas entre os jovens. Diante deste cenário, se faz cada vez mais importante o papel da escola formadora de cidadãos.

A pesquisa de Inácio (2018) considera a escola de Educação Básica com toda sua diversidade cultural é um dos principais agentes de formação e constituição do homem, e assim, passa a ser um cenário fascinante para compreender como a sexualidade e como esta vem influenciando na cultura e no comportamento das crianças com idade escolar.

Para a última pergunta, foi indagada a opinião do entrevistado quanto as mudanças na maneira como a sociedade trata assuntos relacionados à sexualidade. Dos 10 entrevistados, 9 disseram que veem como algo positivo as mudanças que ocorreram ao longo dos anos, acreditam que com maior acesso a informação os jovens acabam utilizando mais métodos contraceptivos e assim, evitando gravidez/doenças etc.

Porém um questionário foi destacado por utilizar a palavra “depravação” ao citar o papel da mídia na divulgação da temática sexualidade. Apesar de a entrevistada dizer que entende a importância da escola neste papel formativo, acredita que o verdadeiro papel deveria ser da família e não da escola.

“Na minha opinião é que até hoje é tabu dentro da casa dos pais. Não se falam sobre sexo com os filhos quando a educação deveria ser dentro de casa, porém ninguém mais hoje fica leigo no assunto. Se mostra muito sobre isso, na mídia com certa depravação, mas acho que é um bom serviço o que eles fazem dentro da escola”. Entrevistada D, 44 anos.

Percebe-se que as pessoas costumam confundir o ensino de sexualidade com depravação ou algo similar. Entende-se o papel da escola como formador de cidadão, mas pouco se sabe como esta funciona, o que realmente está transmitindo. A mídia tem papel importante também nessa formação de opinião, nessa passagem de informação.

Pesquisas como a de Gonçalves e Varandas (2005) demonstram a importância da mídia na perpetuação de informações ligadas a Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), destacando na referida pesquisa a questão das informações repassadas sobre HIV/Aids no

Brasil e no mundo, especialmente na questão da mulher. Sabe-se que muitas das propagandas são sexistas e machistas, porém, cabe à mídia promover informação de qualidade já que esta desempenha um papel social diante da população (GONÇALVES; VARANDAS, 2005). Portanto, na fala, se percebe a ausência de informações por parte da entrevistada sobre este papel e como a mídia o divulga-o. Ou ainda, a entrevistada pode ter confundido cenas de nudez com informações passadas pela mídia, o que são situações totalmente distintas.

Ao final, a docente explicou que ao lidar com temas como este, e ao levar a temática sexualidade para fora dos muros da escola, é possível tentar mudar a realidade pelo menos do local em que se vive. Alguns alunos que não haviam feito à atividade perguntaram se ainda poderiam fazer, mostrando assim, o interesse até mesmo daqueles estudantes que frequentemente não entregam seus trabalhos.

Considerações finais

Em tempos de Escolas sem Partido, e outras propostas/ameaças de silenciamento docente, observa-se a importância do relato desta atividade na educação básica, sobretudo no conhecimento deste tema pelos pesquisados. De início, identifica-se uma mudança comportamental na fala dos entrevistados, visto que os alunos não tiveram rejeição por parte dos selecionados para a entrevista, ou seja, aceitaram participar da pesquisa. Isso representa avanços nas falas de sexualidade entre os familiares, embora ainda haja muitos casos de os pais optarem por não dialogar com os filhos.

Relacionado aos questionamentos, constata-se a pouca abordagem da sexualidade nas gerações passadas e o reconhecimento destes sujeitos das mudanças nas gerações, necessitando apenas reconhecer que tais discussões são essenciais na formação do indivíduo. Assim, a presente proposta de atividade foi fundamental no aprendizado discente, visto a surpresa por

parte de uma aluna das falas sobre aspectos fisiológicos naturais do corpo, como a menstruação. Desta forma, sugerimos que tal proposta educativa, ou similares, seja adotada por outros docentes para formação eficiente e adequada em sexualidade pelos jovens.

Agradecimentos e Apoios

Agradecemos aos órgãos de fomento CAPES e FUNCAP, pela concessão de bolsas dado aos pesquisadores. Agradecemos também a escola na qual a pesquisa foi desenvolvida, a professora que trabalhou a temática e aos alunos que desenvolveram tão bem a atividade proposta em sala de aula.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, p.229.
- DIAS, A. C. G.; GOMES, W. B. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. **Estudos de psicologia**. V. 04, n.1, 1999, p.79-106.
- EISENSTEIN, E.; Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde**. v. 2, n. 2, jun., 2005. p. 6-7.
- GONÇALVES, E. H.; VARANDAS, R. O papel da mídia na prevenção do HIV/ Aids e a representação da mulher no contexto da epidemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, V. 10, 2005, p. 229-235.
- INÁCIO, C. A. S. Concepções sobre sexualidade de professores e funcionários que atuam em uma escola municipal de educação básica. [Dissertação]. Faculdade de Ciências e Letras: Universidade Estadual de São Paulo, 2007.
- RESSEL, L. B.; JUNGES, C. F.; SEHNEM, G. D.; SANFELICE, C. A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. **Escola Anna Nery**. V. 15, n. 2, 2011, p. 245-250.